



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7ª e 8ª séries
- Leitor fluente — 5ª e 6ª séries

JÚLIO JOSÉ CHIAVENATO

Doce Manuela

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Rosane Pamplona

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço móvel, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações

interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



JÚLIO JOSÉ CHIAVENATO

Doce Manuela

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Júlio José Chiavenato nasceu em Pitangueiras, cidade do interior de São Paulo, em 3 de janeiro de 1939. Infância pobre, grupo escolar, trabalho desde cedo, ginásio e colegial. Faltou dinheiro para fazer curso superior. Tem formação autodidata e, durante vinte anos, trabalhou em jornais da região de Ribeirão Preto. Conheceu boa parte da América Latina de motocicleta. É autor muito requisitado para dar palestras sobre os temas que aborda em seus livros. Pela Editora Moderna é autor de: *Ética globalizada & sociedade de consumo*; *Genocídio americano — A Guerra do Paraguai*; *O Golpe de 64 e a ditadura militar*; *As lutas do povo brasileiro — Do descobrimento a Canudos*; *A morte — Uma abordagem sociocultural*; *O negro no Brasil — Da senzala à abolição*; *Violência no campo — O latifúndio e a reforma agrária*.

RESENHA

Manuela é uma menina negra e órfã, que mora com a avó e o irmão pequeno. Ela é quem sustenta a casa catando sucata e papel velho nas ruas. A duras penas e com muito esforço, cursa o segundo grau numa escola em que a maioria é de brancos e ricos. É ótima aluna, adora a professora de Português, contesta mas admira o professor Turco, de Matemática, e é admirada pelo professor de Educação Física, pois para ele ela é a alma do time de vôlei. Um dia, ao catar latas velhas, é presa como assaltante. Levada à cadeia, nem consegue se defender, de tão assustada. O caso vai parar no rádio, através de um programa sensacionalista. Professores e amigos conseguem a sua liberdade, porém Manuela está tão envergonhada que pensa em desistir da escola. Deixa o time de vôlei e se entrega à desesperança. Uma amiga tenta convencê-la a voltar, ainda mais que o time

da escola está às portas do campeonato, mas é um velho, Tavico, quem insistirá junto às autoridades e aos jornalistas para conseguir a total reabilitação da menina. Sua persistência e a força que lhe dá Nicolau, um menino por quem ela se enamora, demovem enfim Manuela, que volta ao time na última hora e é reintegrada à escola, com dignidade.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

O livro retrata com bastante vivacidade o cotidiano de uma escola, com suas aulas e professores tão diversos uns dos outros e também o cotidiano de uma garota que vive do duro trabalho nas ruas. É um convite para uma reflexão contra os preconceitos e uma oportunidade de explorar alguns temas paralelos, como o sensacionalismo de certos programas, a corrupção de políticos, a vaidade das pessoas. Os diálogos inteligentes são marcados por referências a obras e artistas famosos, dando ensejo a outras pesquisas que poderão despertar bastante interesse.

QUADRO- SÍNTESE

Gênero: novela

Palavras-chave: preconceito racial e social, discriminação, pobreza, ambiente escolar

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Geografia

Temas transversais: Ética, Pluralidade cultural, Trabalho e Consumo

Público-alvo: alunos da 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Analise com os alunos a capa de *Doce Manuela*, criada por Postacchini. Nela observa-se a imagem de uma jogadora negra que se lança vigorosa na bola ou a imagem de uma mulher negra que se lança livre no espaço? Explore os sentidos que a imagem possa conotar.

2. Quem é ela? Manuela? Relacione a ilustração ao título procurando, inicialmente, explorar a imagem da mulher negra da capa como provável representação da personagem Manuela. Como deve ser ela? Depois detenha-se no adjetivo "doce". Como a imagem representa a doçura?

3. Leia o texto da quarta capa e relacione-o aos elementos levantados na discussão sobre a capa e o título.

4. Investigue o que os alunos conhecem sobre o cotidiano de uma criança que trabalhe nas ruas, em subempregos, como os catadores de sucata. Verifique se associam essas crianças à delinquência. Problematize as afirmações que sinalizarem preconceito social.

5. Leia para eles a primeira frase do livro. Verifique se eles perceberam a referência a *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado. Discorra um pouco sobre essa obra e sobre o estereótipo da mulata brasileira, do qual Manuela difere totalmente.

Durante a leitura

1. Muitos dos preconceitos apontados na narrativa vivem até despercebidamente do nosso lado ou em nós mesmos. Peça que leiam observando essas pequenas denúncias de preconceito e prestando atenção aos

momentos em que nos sentimos identificados com os comentários ou pensamentos das personagens.

2. Peça que anotem as referências a obras literárias e autores feitas no curso da narrativa, para um trabalho posterior.

Depois da leitura

◆ *nas tramas do texto*

1. A título de reflexão, peça que escrevam numa folha o dia-a-dia de cada um, a partir do momento em que deixam a escola, depois das aulas, e comparem com o cotidiano de Manuela, descrito logo no início do livro.

2. No fim do primeiro capítulo, Manuela abre seu diário e escreve por vinte minutos. Proponha que cada um escreva essa página de diário, imaginando o que ela teria escrito.

3. Seu Tavico pensava: “No meu tempo era uma miséria desgraçada, pior ainda. Preto nunca foi gente neste país; no meu tempo era bicho. (...) Esse mundo não muda. Ou muda?” Peça que os alunos comentem essas idéias, dando a sua opinião. O mundo mudou? Havia mais preconceitos antigamente? A situação dos negros melhorou?

4. Comentem a respeito do programa de rádio sensacionalista. O fato narrado no livro é pura ficção fantasiosa ou ilustra um fato absolutamente possível hoje? Tracem um paralelo com outros programas famosos, do mesmo nível. Ponha em discussão a frase do professor Turco sobre eles: “O que eles falam é lei. Preciso analisar melhor: eles refletem a moral do povo ignorante ou constroem essa moral?”

◆ *nas telas do cinema*

Homens de honra conta a história — verídica — do primeiro oficial naval negro dos Estados

Unidos. São de arrepiar de indignação os preconceitos que ele tem que enfrentar, e de admirar a sua coragem e persistência. Com Robert de Niro e Cuba Gooding, dirigido por George Tillman e distribuído pela Fox.

◆ *nos enredos do real*

1. Na esteira da polêmica sobre o racismo, levantada pela história de Manuela, organize um seminário para uma ampla discussão sobre o assunto. Incumba um grupo de alunos de pesquisar as origens do preconceito racial no País, outro grupo de pesquisar os movimentos e leis anti-racismo, outro de trazer artigos publicados em revistas que possam alimentar uma discussão sobre o assunto.

Consulte alguns *sites* como:

www.quilombhoje.com.br

www.mundonegro.com.br

www.cidan.org.br

2. Promova uma pesquisa para conhecer mais profundamente as desigualdades sociais entre negros e brancos levantando, no *site* www.ibge.gov.br/censo, os dados da macrorregião do Brasil em que a escola está localizada:

- percentual de população branca, parda e negra;
- rendimento médio mensal;
- expectativa de vida ao nascer;
- percentual de população entre 7 e 14 anos que freqüenta a escola;
- percentual de domicílios por condição de saneamento e luz elétrica.

3. Amplie o debate e discuta a respeito do sistema de cotas para negros nas universidades públicas e nas contratações no funcionalismo público, como forma de corrigir o peso das desigualdades sociais herdadas do regime de escravidão.

4. A professora de Português de Manuela diz que a guerra gosta de matar poetas e cita, entre eles, Apollinaire e Lorca. Verifique

se os alunos sabem quem foram eles. Leve para a classe alguns de seus poemas. Estenda o assunto, encomendando uma pesquisa sobre a relação entre artistas e a guerra, ou entre artistas e as causas sociais e políticas, em geral. Assunto é o que não faltará!

5. Explore as outras referências a autores levantadas durante a leitura. Se forem autores pouco conhecidos, mais uma razão para saber de quem se trata, que outros textos se podem encontrar traduzidos, etc.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

A morte — *Uma abordagem sociocultural*
— São Paulo, Moderna

As lutas do povo brasileiro — Do descobrimento a Canudos — São Paulo, Moderna
O negro no Brasil — Da senzala à abolição
— São Paulo, Moderna

► sobre o mesmo gênero ou assunto

Irmão negro — Walcyr Carrasco, São Paulo, Moderna
Pretinha, eu? — Júlio Emílio Braz, São Paulo, Scipione

► leitura de desafio

Quarto de despejo, de Carolina M. de Jesus, São Paulo, Ática.
O duro cotidiano dos favelados ganha uma dimensão universal na linguagem simples do diário de uma catadora de lixo.